

Não é possível dormir.

Não é possível dormir nesta noite. O mar está revolto, suas ondas batem com força na praia e o barulho é aterrorizante. A vista da parte de cima do sobrado comprova o poder da natureza: toda a faixa de areia da praia está tomada por água.

Estranho apenas que não há motivo aparente para a revolta das águas, pois faz uma noite limpa e iluminada de lua cheia. Normalmente essas ondas mais violentas ocorrem durante os piores temporais.

Há um pequeno jardim que separa o sobrado da areia. Amanhã suas flores estarão destruídas, mas logo devem retornar, pois é primavera neste hemisfério do mundo. Olho para o jardim e não posso acreditar: um homem se move, cambaleante, na direção do sobrado. Perdi as chaves há muito tempo, a maresia corrói tudo o que o homem constrói, deixando o sobrado sempre aberto para visitantes.

O homem cai, levanta novamente e abre a porta. Não deve ficar por muito tempo - ninguém consegue, na verdade: alguns fogem loucos, outros permanecem para a eternidade.

Percurso o quarto na direção do corredor. Da porta é possível ver a parte superior da escadaria que leva ao primeiro andar. Caminho com meus passos sempre leves até o final do corredor, para que eu possa ver todo o andar inferior.

Vejo o homem e, ao contrário de muitos visitantes, não percebo medo no seu olhar. Ele parece fraco, desorientado, imagino que tenha caminhado por muito tempo até encontrar o sobrado.

Desço calmamente as escadas. O homem está bastante interessado na mobília da casa. Os poucos móveis que ainda se sustentam têm belos detalhes entalhados em madeira, típicos da época em que foram feitos.

Aproximo-me do homem. Ele suspende a respiração por um instante. Após, ele leva a mão direita ao bolso da calça. Está armado, creio. Ele se vira lentamente e, ao me encarar, empalidece por completo.

Ele permanece imóvel, gravemente assustado. Suas feições se modificam, seus músculos se contorcem de pavor, de forma que o homem muda por completo. O terror, que retira toda a segurança em si que um homem pode ter, estava estampado nos seus olhos. Aos poucos, suas certezas vão lhe abandonando. Por mas que sempre busque respostas para aquilo que vai além do que é palpável, ele se aterroriza ao descobrir como será a sua existência. O homem, neste momento, perde a sua humanidade. O homem deixa de ser homem.

Em um último esforço do corpo para proteger o animal que restava ali, ele sai correndo, aos tropeços, do sobrado.

Retorno ao segundo andar e, olhando pela janela, vejo o homem correndo pela praia. Em alguns momentos é derrubado pelas águas, em outros cai sozinho na areia. Cada passo é dado com tanta dificuldade que apenas o horror diante do inexplicável pode justificar a sua fuga. Em pouco tempo, não posso mais vê-lo.

Volto a minha atenção às águas. Seguem imensas e transgressoras, formando um belo quadro sob a luz da lua.

Não é possível dormir nesta noite. As ondas já alcançam a porta do sobrado. Será este o fim? O velho sobrado não enfrentará o forte impacto das águas por muito tempo. Acompanho cada dia deste sobrado há muito tempo. Na verdade, essa é a minha única e inescapável realidade - o que é realidade? - desde o início.

Conheço cada móvel, cada detalhe, cada ser que já passou por aqui. Neste sobrado muitos encontraram o que mais temiam ou o que mais procuravam. Coube a mim registrar tudo o que acontecia aqui, como se a história quisesse assegurar que haveria um escriba pronto a contar ao futuro todo o passado.

Hoje escreverei sobre a noite em que as águas trouxeram mais um visitante. Nessa mesma noite, inclusive, em que não é possível dormir. Nunca as águas chegaram tão longe nesses mais de 200 anos de vigília.

L.S.S.